

Audrey Carlan

A
garota DO
CALENDÁRIO



JUNHO

Tradução
Andréia Barboza

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP 2016



VERUS
EDITORA

Editora

Raíssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Maria Lúcia A. Maier

Capa e projeto gráfico

André S. Tavares da Silva

Diagramação

Daiane Cristina Avelino Silva

Foto da capa

© Valua Vitaly/Shutterstock (casal)

Título original*Calendar Girl: June*

ISBN: 978-85-7686-527-8

Copyright © Audrey Carlan, 2015

Todos os direitos reservados.

Edição publicada originalmente por Waterhouse Press, LLC / Bookcase Literary Agency

Tradução © Verus Editora, 2016

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedito Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C278g

Carlan, Audrey

A garota do calendário: junho / Audrey Carlan ; tradução
Andréia Barboza. - 1. ed. - Campinas, SP : Verus, 2016.
21 cm. (A garota do calendário ; 6)

Tradução de: Calendar Girl: June

Sequência de: A garota do calendário: maio
ISBN 978-85-7686-527-8

1. Romance americano. I. Barboza, Andréia. II. Título.
III. Série.

16-33831

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

1



O MÊS DE JUNHO EM WASHINGTON ERA OPRESSIVO. O AR ÚMIDO FAZIA A roupa parecer uma segunda camada de pele, abafada e miserável. Eu me preocupei pensando que, se puxasse a camiseta para longe do peito, acabaria arrancando um pouco da carne com o movimento.

Ao colocar o pé para fora do aeroporto, deparei com um céu encoberto e sem sol. Depois de ter passado o último mês no Havaí, eu tinha perdido o costume de encarar aquele tipo de cenário.

Examinei as filas de automóveis à espera. Havia um cara alto em frente a um carro executivo preto, segurando um cartaz que dizia “Saunders”. Imaginei que fosse minha carona.

— Sou Mia Saunders. — Estendi a mão e o motorista a apertou.

— James, seu motorista. Vou levá-la aonde quiser durante sua estadia com os Shipley.

Ele pegou minha bagagem e a colocou no porta-malas antes de abrir a porta para mim. Entrei no veículo, tentando impedir que minhas pernas suadas marcassem o couro liso. A saia delicada que usei no avião me pareceu uma ótima escolha quando me vesti de manhã. Eu deveria ter colocado uma leggings. Passei a palma da mão na parte de trás das pernas, desejando ter uma toalhinha.

— É sempre úmido assim aqui? — perguntei, pegando o celular de dentro da bolsa e apertando o botão de ligar.

— Em junho? Pode esquentar horrores, chover ou fazer um tempo ameno. Provavelmente a senhorita vai experimentar de tudo este mês. Tenho de admitir que o clima anda excepcionalmente quente este ano.

Meu telefone vibrou, toques rápidos indicando que mensagens haviam chegado enquanto eu estava no avião.

O remetente da primeira estava gravado no meu celular como Samoano Sexy.

Garota, você tem algumas explicações para dar. Você fugiu. Não foi legal.

Rolei a tela para ver as outras. Aparentemente, Tai não tinha se acalmado depois da primeira mensagem.

O presente... sem palavras.

Estou muito bravo por você ter roubado o meu beijo de despedida.

Foi então que meus dedos começaram a digitar rapidamente.

Beije o seu "para sempre". Isso vai curar tudo que te aflige.

Uma risada nada suave escapou, e os olhos do motorista encararam os meus pelo retrovisor. Ele ergueu as sobrancelhas, eu balancei a cabeça e voltei a checar as mensagens.

A próxima era de Wes.

Você vai falar comigo em algum momento? Já faz um mês. Não me faça ir atrás de você.

Meus dedos voaram sobre o teclado novamente. Não há outra forma de descrever quão rápido eu digitei a resposta mais sarcástica possível.

Tenho certeza que a Gina te manteve ocupado. Eu vi vocês dois bem felizes, se beijando na capa de uma revista de fofocas.

Depois de vinte minutos ruminando minha própria irritação e olhando a cada dois segundos para o celular, ele finalmente respondeu. Wes, não Tai, mas eu ignorei, tentando me acalmar. Em vez de ler a mensagem, voltei a pensar no meu samoano sexy.

Com sorte, a essa hora, Tai estava se preparando para seu primeiro encontro com Amy. Meu coração acelerou ao pensar que o universo a jogou em seu colo. Literalmente. Ela caiu em cima dele durante o jantar naquela noite. Eu realmente esperava que ela fosse a mulher da vida dele. Fiz uma anotação mental para telefonar em mais ou menos uma semana a fim de descobrir o progresso dos dois. Algo me dizia que era ela o “para sempre” dele. Quanto a mim, não sabia quando teria a mesma sorte. Definitivamente, não aconteceria antes que este ano acabasse. Enfim, pensar em Tai ou no futuro não me ajudou a esquecer o desejo ardente de ler a mensagem de Wes.

Com ciúme?

Será que dá para castrar um homem a mais de quatro mil quilômetros de distância? Talvez, se eu contratasse um matador

de aluguel. Eu tinha um dinheiro no banco para emergências. Aquilo me fez rir por dentro. Decepar seu pênis usando a grana que ganhei por ter *transado* com ele.

Que tipo de jogo ele estava fazendo? Eu deveria responder ou deixá-lo esperando? Obviamente, ele não gostou da pausa forçada de um mês. Bem feito! Ele estava traçando o modelo de perfeição Gina DeLuca enquanto eu trepava com meu sa-moano sexy.

Não. Importa.

Eu poderia dizer isso a mim mesma várias vezes, mas o resultado ainda me daria um tapa na testa. Era impossível parar de me importar. *Wes sempre* importava. Não saber o que ele estava fazendo e com quem me dilacerava, como carne crua sendo devorada por uma piranha.

Tive momentos incríveis com Tai. Divertidos. Ele fez cada dia ser mais emocionante que o outro, e as noites serem mais apimentadas do que imaginei ser possível. Era fácil deixar em segundo plano meus problemas com Wes, porque eu estava ocupando a mente com coisas que uma jovem de quase vinte e cinco anos deveria aproveitar. Só que agora isso não estava funcionando.

— Ainda demora muito? — perguntei a James.

Ele acenou com o quepe.

— Sinto muito, senhorita. O trânsito a esta hora é terrível.

Quarenta e cinco minutos. Tempo de sobra. Se Wes queria conversar, eu lhe daria isso. Tecnicamente, e apesar de tudo, éramos amigos.

Peguei o celular e digitei seu número, fingindo uma calma que não sentia.

— Ela está viva! — O sotaque californiano de Wes chegou ao meu ouvido, atizando sérias vibrações instantaneamente.

— Estou morrendo de rir. Que porcaria é essa sobre eu estar com ciúme? Você sabe que eu não estou. — *Mentira.*

Wes respirou lentamente, talvez suspirando. Ouvi os ruídos do mar ao fundo. Ele devia estar na praia, talvez tivesse acabado de surfar. Escutar aqueles sons reconfortantes, ainda que entrecortados pelo telefone, fez meu coração doer de vontade de estar em casa.

— Eu imaginei que, se te provocasse, você me ligaria.

— Wes, o que está pegando? — Mesmo para os meus ouvidos, aquilo soou malicioso e um pouco mal-intencionado, o que não foi proposital.

— Me diga você. Se divertiu no Havaí? — O tom de Wes parecia refletir o meu.

Pensei em Tai e me vi lambendo suas tatuagens, do ombro até o peito, costelas, quadril e coxa. Pelo mês todo, aquele tinha sido meu passatempo favorito. Apetitoso. Um “sim” ardente escapou da minha boca antes que eu pudesse filtrar o pensamento.

Ele riu.

— Bom assim, é? Cliente ou caçara? — A tensão entre nós se amenizou um pouco.

Fechei os olhos.

— Isso importa?

— Tudo que tem a ver com você me importa. Não entendeu isso ainda? — O tom era sincero, mas mergulhado em pesar. Ele estava falhando miseravelmente em agir como se nada estivesse acontecendo, e nós dois sabíamos disso.

— Wes...

Ele respirou fundo.

— Não. Não vou fingir que não estou chateado por você ter transado com quem quer que seja no Havaí, e ainda assim estar puta comigo por fazer o mesmo com a Gina.

Ele tinha razão. Total. Mas esse é o problema do coração e da mente. Eles raramente se equilibram ou mostram uma visão realista das coisas. Os argumentos dele poderiam fazer mais

sentido que os ensinamentos de Deepak Chopra, porém não mudavam os fatos. Wes estar com Gina doía. Muito. Estávamos nos magoando e não conseguíamos encontrar uma boa maneira de contornar isso.

Minha garganta estava tensa, com um nó, quando respondi:

— Olha, Wes, desculpa. Eu entendo o que você está dizendo. Entendo mesmo. Você está certo.

— Isso significa que você vai voltar pra casa? — Havia uma ponta de esperança em sua pergunta.

Casa. Onde eu estaria em casa? Na Califórnia, no apartamentinho onde eu não punha os pés fazia cinco meses? Em Vegas, na casa em que cresci? Ou na costa de Malibu, nos braços de um homem dos sonhos que provavelmente tinha muito mais do meu coração do que eu gostaria de admitir?

Umedeci os lábios e bufei alto.

— Wes, você sabe que eu não posso fazer isso.

Ele gemeu baixinho, enfiando uma faca em meu estômago.

— Não é verdade. Você pode. Mas não quer. — Ele enfatizou cada frase.

Balancei a cabeça, tentando me livrar das emoções que corriam uma maratona em minha mente.

— Não posso deixar você pagar a dívida do meu pai.

— Mais uma vez. — Ele suspirou. — Você pode. Mas não quer — repetiu. Ele parecia cansado, as palavras pesando. E era tudo culpa minha. Eu estava fazendo isso com ele, conosco. Nossas conversas eram cada vez mais difíceis, e eu ainda tinha metade do ano para passar. Não sabíamos em que pé estaríamos ao fim desse período. Até agora, não estávamos indo muito bem como amigos. Constantemente magoávamos um ao outro, sem nem precisar tentar.

Uma pausa enorme permaneceu entre nós enquanto eu pensava, sem sucesso, no que dizer.

— Quando eu vou poder te ver de novo? — ele rompeu o silêncio.

Ele ainda queria me ver? Eu não entendia aquele homem. Droga, eu não entendia a maioria dos homens, especialmente aquele.

— Hum, não sei. Acabei de desembarcar em Washington. Vou ser a namorada-troféu de um senhor.

A risada de Wes vibrou através da linha.

— Um coroa? Pelo menos eu sei que você não vai se entregar para um velhote com receita de Viagra.

— Isso não foi nada gentil! — repreendi, em tom de brincadeira. — Além do mais, ele tem um filho gato que é senador. Você sabe, homens poderosos e eu...

A risada de Wes morreu na hora; o breve momento de paz havia se quebrado. A tensão cresceu novamente.

— Você está brincando? — ele perguntou.

Anzol. Linha. Isca.

— Não.

— Você me fode — ele gemeu.

— Com prazer — respondi, sem pensar.

— Quando? — ele não perdeu a oportunidade.

— Quando a gente se encontrar de novo, bobinho.

— E quando vai ser isso? — ele continuou a questionar, mas eu não tinha mais certeza se ainda estava brincando. Aquela coisa entre nós ziguezagueava, se retorcia e virava. Nunca era fácil manobrar.

— Não sei. Acho que quando tiver que ser — arrisquei.

— Por que eu? — Sua voz soou aguda e frustrada, como a de alguém que olha para o céu, estende os braços e grita com seu criador. — Por que raios eu tinha que ficar de quatro por uma maluca como você? — Então ele riu alto, soltando aquela bela risada gutural que era só dele, fazendo meu coração bater tão forte que parecia querer estourar no peito.

Dei de ombros, mas ele não podia ver.

— Se o universo te der uma mão de merda, aposte contra o dealer. Tchau, Wes.

Em vez de esperar que ele se despedisse, encerrei a chamada e respirei fundo várias vezes para me acalmar.

É hora de voltar os olhos para a recompensa, Mia. Warren Shipley. Seu próximo cliente.



Warren Shipley não me esperou na entrada de sua mansão. Não. O homem que estava no topo dos degraus de pedra quando dei-xei o carro parecia saído da revista *GQ*. Aaron Shipley, senador democrata da Califórnia, se recostou na coluna branca. Eu sempre estive rodeada de homens bonitos. Estive com machos alfa gigantes que poderiam cortar madeira com as mãos, mas ainda não tinha visto um homem que pudesse usar um terno como ele. Pura perfeição.

O tecido cinza-escuro emoldurava seus ombros largos, cintura fina e pernas longas, como se tivesse sido feito sob medida. Provavelmente tinha. Seus olhos estavam escondidos atrás de Ray-Ban pretos. O cabelo loiro-escuro estava penteado de um jeito despojado, como se ele tivesse acabado de sair da cama, conferindo aquela aparência tão na moda atualmente. Nele funcionava, e muito bem. Dava um ar arrumado com um toque de extravagância. Uma combinação letal para uma garota como eu. Bem, para qualquer garota.

Tão elegante quanto um jaguar, ele desceu lentamente do topo da escada de pedra até o caminho de cascalho logo abaixo. A maioria das mulheres tentaria encontrá-lo no meio do percurso, subindo alguns degraus. Mas eu não era como a maioria, e ele, definitivamente, não era como a maioria dos homens. Gostei de ficar observando-o se mover. Havia um ar de autoridade

que se agarrava a ele como uma colônia fina e marcante. Ele andava com graça e agilidade, exalando tanto poder que quase derreti ali mesmo. A queixa anterior sobre a umidade não era nada em comparação com o suor que eu sentia se formar na nuca, uma única gota escorrendo pela coluna, atirando faíscas de desejo por todas as minhas terminações nervosas.

— Você deve ser a srta. Saunders. — O tom era direto mas acolhedor. No momento em que nossas mãos se tocaram, senti uma descarga elétrica na palma. Tentei me afastar. Ele agarrou minha mão com mais força. — Curioso. Eu raramente sinto a essência de alguém com apenas um toque.

— Essência?

Um sorriso misterioso surgiu naqueles lábios feitos para beijar. Não eram nem muito finos nem muito grossos. Como a Cachinhos Dourados e seus três ursos, aqueles lábios encaixariam nos meus perfeitamente. Ele ainda não tinha soltado minha mão. Em vez disso, ele a virou, mantendo nossas palmas coladas. A mera sensação de pele contra pele foi o suficiente para me fazer salivar por mais. Ele ergueu os óculos até a cabeça, um movimento moderno demais para um político. Homens como ele deveriam ser maçantes, chatos, totalmente voltados para o governo e blá-blá-blá... Meus pensamentos foram interrompidos pela profundidade daqueles olhos castanhos queimando nos meus. Pareciam chocolates Kisses, da Hershey's, *me* fazendo derreter. Suspirei enquanto seu polegar acariciava o topo da minha mão.

— Sua essência é a sua força de vida, seu magnetismo. Quando você me tocou, eu senti a carga. Você sentiu? — Anuí, atordoadada, olhando para aquelas íris achocolatadas, focando em seu nariz reto, nas maçãs do rosto salientes e no queixo esculpido. — Quando pressiono nossas palmas com mais firmeza — ele colocou a outra mão sobre o dorso da minha, apertando-a —,

é muito mais forte. — Sua sobrancelha se arqueou, ao mesmo tempo em que eu umedecei os lábios. Aqueles olhos foram diretamente para minha boca, e meus joelhos vacilaram.

Precisei de toda a força que possuía para não lamber os lábios novamente.

— Venha — ele disse, e eu juro que a palavra enviou um raio de eletricidade diretamente para meu centro de prazer, que pulsava incessantemente. Ele falou mais alguma coisa, mas eu perdi o controle após o seu comando. Ele soltou minha mão e estendeu a sua para tocar minha bochecha. Ah, cara, agora eu gostei um milhão de vezes mais, mas isso me forçou a me concentrar no que estava acontecendo ao redor. — Mía, você está bem? — Seu olhar percorria o meu rosto. Preocupação e interesse predominavam na linha que surgiu entre suas sobrancelhas. — Pedi que você me acompanhasse. Meu pai está à sua espera.

Pisquei algumas vezes e voltei a me concentrar.

— Ah, sim. Desculpe. — Balancei a cabeça, tentando afastar a névoa de luxúria restante. — Foi uma viagem realmente longa. Eu estava no Haváí e vim direto para cá, com duas conexões no meio. Fiquei acordada a noite toda. — Conexões que significaram corridas loucas até o portão de embarque, para não perder o avião. Eu queria matar tia Millie por reservar voos com intervalos de apenas cinquenta minutos. Pausas para um xixi estavam completamente fora de questão, e o comandante não permitia que os passageiros usassem o banheiro antes da decolagem, muito menos até estarmos a certa altitude. E o último voo durou várias horas, só pousamos na manhã do dia seguinte. Não foi a melhor viagem da minha vida.

Aaron estalou a língua.

— Deve ter sido horrível. Vou apresentá-la ao meu pai e pedir ao James que mostre o seu quarto, para que a gente possa dar uma rapidinha.

— O quê? — Parei no topo da escada e coloquei a mão na testa. — *Rapidinha?*

— Eu falei que vou apresentar você ao meu pai, acomodá-la no seu quarto e deixá-la dar uma dormidinha. A mudança de fuso é complicada.

— Ah, dormidinha. — Fechei os olhos e ri por dentro.

— O que você tinha entendido? — Ele sorriu, mostrando uma fileira dos dentes mais belos que eu já tinha visto em um homem. Aaron poderia facilmente aparecer em capas de revista. Ah, espere. Ele já aparecia. Deixa pra lá.

— Achei que você tinha dito que nós poderíamos dar uma rapidinha. — Eu ri e ele se deteve, dessa vez no topo da escada, ao lado da porta da frente.

Um sorriso malicioso surgiu em seus lábios.

— Bem, pode-se dar um jeito, embora eu ache que o meu pai não ia gostar que eu enfiasse a mão no pote de biscoitos antes de lhe oferecer uma refeição adequada e um encontro. — Ele piscou e segurou minha mão. Aquela mesma chama de excitação apareceu, atizando a energia magnética novamente.

Aaron se virou, me olhando de lado enquanto me conduzia pela porta da frente.

— Você sentiu isso?

Senhor, eu queria não ter sentido. Em vez de mentir, fechei os olhos, prendi a respiração e concordei.



Olhando de fora, imaginei que a mansão fosse incrível. Mas minha imaginação nem chegava perto do que vi em seu interior. Do vestibulo, saía uma escadaria dupla forrada por um tapete amarelo. Aquilo me fez lembrar da estrada de tijolos amarelos. Dorothy saltitaria por ele antes de chegar a seu destino. Se eu não estivesse morta de cansaço, estaria saltitando também. Aque-

le lugar era mais que suntuoso. A casa de Wes em Malibu era bonita, vibrante e provavelmente havia custado uma fortuna. O loft de Alec era incrível e bem equipado. A cobertura de Tony e Hector era luxuosa, mas aqui havia outro tipo de riqueza. Quando tia Millie me disse que era dinheiro antigo, eu sinceramente não sabia do que se tratava. Achei que fosse algo relacionado à política, talvez ao governo. Eu sabia que provavelmente seria um lugar bonito, mas me fez sentir como se a rainha da Inglaterra pudesse viver ali no maior conforto. As paredes curvas tinham sancas, e havia janelas gigantescas com cortinas grossas cor de vinho. Meus pés afundaram no tapete, me fazendo desejar tirar as sandálias e caminhar descalça. Só assim eu poderia enfiar os dedos na maciez do veludo.

— Incrível.

Aaron sorriu e olhou em volta, sem parecer impressionado.

— Minha mãe era boa com decoração.

— Ah, é? Ela deve se orgulhar disso. É lindo.

— Ela se foi há muito tempo, mas definitivamente gostava dos admiradores e das revistas de decoração que fotografavam os cômodos. Ela foi capa algumas vezes. Esta casa era o orgulho e a alegria dela, depois que eu saí daqui e fui para a universidade. — Ele sorriu e piscou.

Parecia que o ego de Aaron Shipley estava intacto.

Eu o segui em silêncio, olhando ao redor, até que paramos em frente a um conjunto de portas duplas. Risos soaram por trás delas, mostrando que alguém estava se divertindo. Aaron bateu com força, mas não esperou pela resposta; abriu uma das portas como se tivesse esse direito.

— Ah, Aaron, meu rapaz. Entre, entre. Kathleen e eu estávamos falando sobre o desastre na cozinha na semana passada. — Ele apontou para uma mulher de saia lápis azul-marinho usando um avental branco de babados amarrado na cintura e

uma blusa de seda creme abotoada até o pescoço, enfiada dentro da saia com precisão. Só podia ser uma funcionária. — O fornecedor do bufê achou que eu queria...

— Pai... — Aaron o interrompeu abruptamente, o que eu achei bastante rude e desagradável. Sua gostosura perdeu alguns pontos. — A srta. Saunders está aqui. — Ele puxou meu braço e eu fiquei cara a cara com uma cópia mais velha do jovem Shipley.

— Bem, você é ainda mais bonita pessoalmente do que no seu perfil. A sra. Milan sabe mesmo impressionar. Ela vai servir perfeitamente, você não acha, Aaron?

Os olhos de Aaron percorreram meu corpo, da cabeça aos pés.

— Sim, definitivamente ela é a candidata ideal para ganhar a atenção dos seus pares.

— Venha cá, minha querida. Sou Warren Shipley — ele falou com jovialidade. Em vez de um aperto de mão, me puxou para um abraço paternal. — Você não é nada do que eu estava esperando. — Ele se afastou e sorriu ao olhar diretamente em meus olhos. Um velho safado e pervertido, naquela posição, estaria olhando para meus seios. Parecia que minha tia havia dito a verdade. Ele não estava interessado em mim daquela forma. — Obrigado por ter vindo. A situação é peculiar, mas a sra. Milan me garantiu que você seria uma excelente candidata. Só pela sua aparência... já posso dizer que eles vão comer na palma da minha mão.